

Nova estratégia

No lugar da febre, teste do olfato pode ser melhor para rastrear a Covid-19

Por Amanda Milléo



A febre foi um dos primeiros sintomas listados para a Covid-19, quando a doença começou a se espalhar pelo mundo, em meados de março. Ao lado da tosse seca e da falta de ar, [a temperatura acima de 37,8 graus Celsius](#) ajudava a identificar uma possível infecção, e foi muito usada como parâmetro para entrada em espaços públicos, como supermercados.

Agora, porém, sabe-se que há outros sintomas mais prevalentes – e mais confiáveis – que poderiam ajudar no rastreamento da doença. Entre eles, a redução ou perda do olfato, também chamada de anosmia.

De acordo com dados do maior estudo epidemiológico do mundo sobre o novo coronavírus, o [EPICOV19-BR](#), desenvolvido pela Universidade Federal de Pelotas, a alteração no sentido foi listada como sintoma pela maioria (62,9%) dos participantes. Na sequência, a dor de cabeça (62,2%) e, em terceiro lugar, a febre (56,2%).

Usar o termômetro como equipamento de rastreamento da infecção pelo novo coronavírus, segundo Gustavo Sela, médico otorrinolaringologista, além de não ser a medida mais confiável, traz outros questionamentos.

"Não é nem um pouco confiável [usar a febre como parâmetro]. Você nem sempre sabe a procedência dos equipamentos [termômetros], se são bons ou não. Sem falar que várias outras situações podem causar a febre, como uma infecção bacteriana. E a pessoa consegue mascarar-la por meio de medicamentos. O cheiro, não. É uma lesão estrutural, nas células olfativas, ou por edema [inchaço]", explica o especialista que atua na Otorrinolaringologia do Hospital Cruz Vermelha.

"Esses dias mediram a minha temperatura e estava com 34 graus Celsius. Pensei 'estou morto, né?'. Esses sensores podem ter algum problema, variar conforme a temperatura do local, e geram um viés por não medir de forma adequada", relata Marco Aurélio Fornazieri, médico otorrinolaringologista professor da PUCPR, campus Londrina e da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Teste do cheiro

Verificar a capacidade olfativa de multidões pode não ser tão simples quanto apontar um termômetro para a testa de cada um e obter uma resposta em segundos. Mas há testes de cheiro simples, e que podem ser feitos em casa, todos os dias, como uma avaliação informal. De acordo com Fornazieri, uma opção fácil e prática é o teste do álcool. Atenção ao passo a passo:

- Em uma bola de algodão, pingue três gotas de álcool etílico 70%.
- Coloque uma régua de 30 centímetros abaixo do nariz da pessoa a ser avaliada.
- Peça para que ela feche os olhos.
- Segure o algodão na posição dos 30 cm e suba um centímetro por vez, a cada respiração.

A pessoa deve ser capaz de sentir o cheiro entre os 30 e 15 centímetros. "Se a pessoa só conseguir sentir a partir dos 15 cm, há uma alteração olfatória. É um teste prático, que daria para fazer, e com um material inicial. Não vai ser tão rápido quanto um termômetro, mas é mais preciso do que a medição de temperatura", explica o médico otorrinolaringologista.

A fim de agilizar o processo, cada pessoa pode fazer esse teste rápido em casa, antes de sair para o mercado ou a farmácia. Caso sinta dificuldade em sentir o cheiro, não saia e fique atento ao surgimento de novos sintomas.

Testes mais profissionais, [como o UPSIT, desenvolvido pela Universidade da Pensilvânia](#), nos Estados Unidos, reúne 40 substâncias e cada pessoa demora cerca de 15 minutos para concluir. Mas, caso a medida seja adotada como barreira em ambientes públicos, esse teste não seria o mais indicado, devido ao custo, o tempo e a necessidade de médicos para a avaliação.

Sela sugere que cheiro de rosas – a partir do uso do álcool feniletílico – , da grama e de goma de mascar poderiam ser mais viáveis. "Imagino que um teste mais prático para usar em mercados e outros lugares seria eleger três ou quatro substâncias, e fazer a pessoa testar, sem saber o que é. Como na Covid-19 há também uma diminuição na intensidade do cheiro, não só uma perda total, o ideal seria colocar a substância em um cotonete, em menor quantidade", sugere.

VEJA TAMBÉM:

» [Entenda o avanço da Covid-19 no Brasil e no mundo](#)

Autopercepção

Pesquisadores da [Mayo Clinic Proceedings](#) perceberam em uma análise de outros 24 estudos, com dados de 8.438 pacientes confirmados para a Covid-19, que 41% das pessoas relataram terem perdido o olfato de forma total ou parcial durante a doença.

Mas, entre os estudos que faziam essa avaliação de forma objetiva (em vez de perguntarem às pessoas se haviam percebido alguma alteração), a incidência da anosmia se mostrou 2,3 vezes maior, chegando a 80% dos casos. "A autopercepção do olfato é diferente da visão e da audição, que outras pessoas notam. O olfato é muito pessoal. Idosos e homens, principalmente, são os que menos percebem as alterações. As mulheres percebem um pouco mais", justifica Fornazieri.

Para Sela, como na Covid-19 pode haver uma redução parcial, e não completa, do sentido, isso também contribui para uma menor autopercepção. "Só quando a pessoa faz o teste que ela percebe a gravidade da perda", diz.

Coronavírus no nariz

Nas células olfativas que se localizam na região superior do nariz, parte delas possui a enzima conversora da angiotensina 2 (ECA2 ou ACE2, na sigla em inglês). Essa enzima da célula se liga à proteína Spike (espícula) do novo coronavírus, que permite a entrada do vírus nas células humanas, para então se replicar. Esse contato, porém, gera uma lesão nas células.

"Dependendo do grau da lesão, pode fazer apenas um edema [inchaço] ou a destruição da célula. No caso do edema, o olfato tende a retornar em duas a três semanas. Quando se gera uma lesão na célula do epitélio olfativo, demora de um a dois meses. Isso porque esse é o tempo que as células levam para se regenerar. A gustação é um pouco diferente, porque as células se regeneram em 14 dias. Então o paciente volta a sentir o gosto antes do cheiro, mas não total, porque o olfato também está relacionado com a gustação", explica Sela.